

A transferência de responsabilidades educacionais da família para a escola no cenário pós-moderno

Rafael Henrique Colavite de Aguiar¹

Resumo: Análise da transferência da responsabilidade, realizada pela instituição familiar, de educar seus filhos, para a instituição escolar, e das dificuldades encontradas pelos professores nessa tarefa, no cenário pós-moderno.

Palavras chave: educação; transferência de responsabilidades; professor; família; pós-modernidade.

Abstract: This article analyses the shift in responsibility from family to school in post-modernity and the arising difficulties for teachers in their daily work.

Keywords: educational system; school; family; shift in responsibility; post-modernity.

Introdução

Este artigo propõe-se investigar as causas da transmissão da responsabilidade educacional da família para a escola, bem como identificar algumas das vicissitudes encontradas pelos profissionais da área, especificamente pelos professores, nessa transmissão. Para tanto, é necessário buscar a compreensão da crise de paradigmas sofrida pela instituição familiar ao longo das últimas décadas, por conta das transformações desencadeadas pela pós-modernidade e, de forma geral, analisar o ambiente escolar frente às novas tecnologias, suas vantagens e limitações.

Se por um lado tem-se a escola como um ambiente que não consegue acompanhar as mudanças da Terceira Revolução Industrial, de outro está a família como uma instituição que atravessa um período de profundas modificações do modelo tradicional para algo ainda não definido, onde ambas encontram dificuldades em sintonizarem-se no processo educacional das crianças e jovens, provocando o surgimento de uma geração sem referências, de ídolos descartáveis, que deve ser minimizada no sentido de encontrar um norte, uma direção a seguir para superar esse cenário apático (BOURDIEU, 1978).

Logo, os três pilares do processo de ensino-aprendizagem (aluno-professor-família) são comprometidos de forma a desestabilizar a importância social da escola para a comunidade a que esta atende, e principalmente para seus cidadãos (PIAZZI, 2009). Compreender tal cenário é o primeiro passo para repensar as práticas escolares e o espaço, seja dentro ou fora dos padrões estabelecidos, pois é desta forma que a Sociologia, aplicada à Educação, pode fornecer ferramentas de transformação dentro dos muros da escola.

Escola e família: divergências na pós-modernidade

O mundo globalizado é um ambiente em constante dinamização. Evidenciada pela divisão temporal histórica, onde cada período da história humana abrange um ciclo cada vez menor, dadas as constantes mudanças e evoluções dos meios de produção da humanidade. A cada instante novas formas de tecnologias são apresen-

¹ Graduado em Ciências Sociais pelo CUFSA – Centro Universitário Fundação Santo André, pós-graduado em Educação e Sociedade pela Universidade Cidade de São Paulo. Leciona na rede privada e pública de ensino.

tadas para os consumidores de forma que as mesmas percam sua funcionalidade básica: servir como ferramenta para o homem. Estas são uma consequência do consumismo contemporâneo. A ferramenta, ou o meio, torna-se o objetivo em si (BAUDRILLARD, 1994).

Uma criança ou jovem que nasceu inserido neste ritmo de mudança alucinada dos últimos vinte anos, não sabe dizer, com a mesma experiência de um adulto, o quão rápido os meios tecnológicos são desenvolvidos. A partir dessa constatação, a criança ou jovem absorverá tais mudanças presentes no cotidiano com muita naturalidade.

O perigo dessa normalização dos avanços científico-tecnológicos reside no fato de a criança ter contato com tais meios de comunicação desde o berço, desde a infância mais tenra, onde ela estabelece contato com o mundo sensível, onde cria suas relações espaciais e formula suas primeiras impressões do mundo. Então, terá a disponibilidade tecnológica ao seu alcance e deixará de desenvolver certas habilidades dominadas pelos adultos e idosos de hoje em dia.

Diante de tal situação, a criança encontrará no ambiente escolar situações que não condizem com sua realidade *high tech*, uma vez que a instituição escolar assume caráter conservador em relação à sociedade.

Quando se pensa em introduzir elementos tecnológicos no caráter de novidade para o ambiente pedagógico, tem-se em mente que a instituição escolar deva acompanhar o progresso tecnológico-produtivo da sociedade. Lousas digitais, *tablets*, conteúdos interativos, slides, multimídia como um todo, apoiado na capacidade do jovem de trabalhar múltiplas habilidades ao mesmo tempo, são as novas apostas da Educação para alcançar o sucesso escolar.

Porém, o uso de novas tecnologias ainda não garante as mudanças necessárias na transmissão e construção do conhecimento, que é o verdadeiro foco da questão. Não basta que o método construtivista exista, compelindo o aluno criar sua própria rede de significados, apoiando-se em novas tecnologias. É necessário que haja, de forma geral, novas formas de transmissão de conhecimentos e maneiras de despertar, além do interesse, a curiosidade do aluno pois, apenas movido por esta ele será capaz de aprender por si só e extrapolar os limites da sala de aula para o cotidiano do aluno (FEUERSTEIN, 2002).

Logo, o aluno que já nasce inserido na Era Digital, que normaliza o uso de tecnologias cada vez mais avançadas, ao interagir com materiais multimídias na escola, tende a se sentir mais à vontade com o ambiente escolar, num primeiro momento. Terá facilidade em entender os conteúdos apresentados, pois conhece bem os materiais utilizados, mas, a médio prazo, o encantamento com as multimídias se desfaz quando a maneira como os conhecimentos são transmitidos se revela ainda à moda antiga (conteúdos apresentados versus conteúdos transmitidos).

Para resolver tal problema, são necessárias formas de conduzir o aluno a ingressar num estado em que suas experiências dentro da escola refletem as de fora da escola, em casa, como por exemplo, a prática do Professor Mediador.

Pelo critério da intencionalidade, o mediador deliberadamente interage com o mediado, selecionando e interpretando estímulos específicos, meios e situações, para facilitar a transmissão cultural e torná-la apropriada para cada mediado, adequando-a às suas necessidades intrínsecas.

A intencionalidade, contudo, não deve ser atributo exclusivo do mediador. Deve ser compartilhada com o mediado, na busca de um processo interativo. Não há necessariamente uma consciência imediata

da intencionalidade por parte do mediado; essa consciência vai se formando ao longo do processo de aprendizagem. O mediador intensifica os estímulos, como se eles se apresentassem sob uma lente de aumento, estimulando um estado de vigilância² do mediado. (SOUZA; DEPRESBITERIS; MACHADO, 2004 p. 46)

A instituição escolar, em si, atravessa momentos de crise: os melhores salários, atraem os profissionais da área do ensino público para o privado. Os concursos públicos chegam a oferecer de 60 a 75 mil vagas, apontando um grande rombo aberto pelos processos de exoneração, bem maiores em relação aos de aposentadoria.

Tal crise apresenta outra causa, e aqui se tange a patologia do *Burnout*: a apatia do ambiente escolar, sentida por professores e alunos.

Esta apatia do aluno em relação à escola se dá também pela influência dos ambientes escolares retratados nos meios de comunicação de massa, como a televisão; a ineficiência do uso da tecnologia; e pela própria postura do docente.

O professor, desanimado com as condições de trabalho, e com os educandos imediatistas, em seu estado de alienação, apenas reproduz de forma insistente métodos que não são eficientes, sem buscar novos métodos de sensibilizar o aluno ou ressignificar a importância do aprendizado. Para este “apertador de parafusos”, a sua profissão é uma a mais, como qualquer outra existente, em que este se coloca na posição de proletariado simples, em suas reivindicações e em sua postura no cotidiano, estranhado da importância de sua função.

Em determinado prisma, o professor, ao contrário do que se pensa, é muito considerado pelo poder público. As medidas que precarizam a prática docente: a divisão do profissional da escola pública em “categorias”, dividindo seus interesses; os baixos salários, repelindo os profissionais existentes e os ingressantes; minimizar a produção de conhecimento crítico; enfatizar a tecnocracia. Todas elas apontam que o poder público enxerga o professor como um agente capaz de transformar a visão de mundo dos alunos, que futuramente transformarão a sociedade.

Em outras palavras, o Estado enxerga o professor como um profissional perigoso, frente à manutenção dos interesses capitalistas de poucos sobre os outros muitos. Pois uma vez que o Estado é controlado pelas classes dominantes, dirigentes da economia, é interessante produzir uma massa de trabalhadores não interessada em reconfigurar a distribuição de riquezas, em questionar as injustiças sociais. Pelo contrário, é interessante tornar a escola produtora de trabalhadores ausentes de consciência e, neste ponto, os “apertadores de parafuso da cal e da ardósia” contribuem imensamente.

Cabe ao professor, em sua constante renovação, desenvolver e utilizar técnicas necessárias para que ele se torne um agente mediador em sala de aula. A conjuntura educacional demanda que o desenvolvimento de habilidades torne-se mais importante do que a absorção de conteúdos. Tal construção de habilidades garantiria que o aluno, independentemente da quantidade de conhecimentos que ele tem, pudesse dar significado e dinâmica a eles, na construção de novos. Não se trata do *conhecer muito*, típico da educação tradicional, mas o *conhecer bem*, do saber complexo:

² Por “estado de vigilância” entende-se, segundo Feuerstein, quando o mediado tem sua atenção voltada devido à intensificação de estímulos por parte do mediador.

“O conhecimento pertinente deve enfrentar a complexidade. *Complexus* significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. Os desenvolvimentos próprios à nossa era planetária nos confrontam cada vez mais e de maneira cada vez mais inelutável com os desafios da complexidade. Em consequência, a educação deve promover a “inteligência geral” apta a referir-se ao complexo, ao contexto, de modo multidimensional e dentro da concepção global.” (MORIN, 2000, p. 38 e 39)

Contribuí para esta questão o fato de que a escola sozinha não é capaz de preparar a criança e o jovem para a vida adulta, autônoma e cidadã. Para concluir essa tarefa, uma terceira parte deve agir: a família (PIAZZI, 2008b). Neste âmbito, família e escola possuem funções semelhantes.

Apesar de conservador em valores e tendências, a família passa, desde o século XX, pela criação de novos conceitos. Tal crise de paradigmas familiares promove, ainda, mais desafios do que soluções, visto que mudanças na sociedade se dão antes que ela própria esteja pronta para aceitá-las.

Esse conceito torna-se múltiplo, de forma que antes esteve vinculado apenas à convivência doméstica, à consanguinidade, matrimônio e reprodução. Outras formas se apresentam atualmente, como a adoção, união homoafetiva, união estável, ou mesmo ausência de cônjuge.

Porém, a necessidade dos laços fortes, capazes de manter seus membros acolhidos moral, e materialmente, continua a colaborar de maneira íntima com a definição de família. Em outras palavras, é no seio familiar que a criança desenvolverá sua primeira identidade social, herdando orientações, doutrinas, comportamentos, religião, tradições, noções de hierarquia, etc. de seus responsáveis, valores estes que serão determinantes em sua vida até a adolescência, quando se dá o período de enfrentamento com o mundo e a constituição de uma segunda identidade social do indivíduo.

Porém, dadas as novas necessidades familiares, alto custo de vida e presença da mulher no mercado de trabalho, as crianças são matriculadas, cada vez mais cedo, em instituições de ensino. Estas, independente da classe social, apresentam sintomas comportamentais semelhantes, dado o estranhamento das relações domésticas com os pais. Desta forma, nas primeiras fases de desenvolvimento, e percepção do mundo, a criança tomará como referencial estímulos externos, prejudicando a formação de sua identidade primeira, doméstica, dada a referência natural que ela espera enquanto prole. A família então deixa de cumprir com o acompanhamento educacional necessário nos primeiros anos de vida dos filhos.

Em famílias que não estão prontas para encarar tais mudanças de paradigmas, os filhos, sem os referenciais adequados no ambiente familiar, encontram na escola figuras e demonstrações de afeto e cuidado, tanto quanto de contenção e severidade que as contemplam da atenção de que são carentes.

Em alguns casos, o aluno que apresenta baixo desempenho escolar e/ou comportamento inadequado por falta de orientação e acompanhamento no ambiente doméstico, busca a atenção do professor – entre os muitos alunos que ali estão

presentes – da forma que puder, demonstrando uma ânsia por autoafirmação que normalmente é associada à rebeldia. Nesta forma, as sanções impostas ao aluno revelam não apenas o despreparo familiar como a falta de recursos pedagógicos da escola em assumir funções que tradicionalmente não caberiam a ela.

Em alguns casos, os próprios pais destas crianças foram prejudicados com o excesso de tradicionalismo institucional familiar, e cometem equívocos ao serem excessivamente permissivos com seus filhos. Logo, tais alunos não apresentam qualquer receio das punições previstas ao quebramento de regras, uma vez que estas não refletem sua realidade familiar, onde não haveria maiores consequências impostas pelos pais ou mesmo nenhuma orientação mais enfática.

E por este motivo há quem descumpra regras com naturalidade, desestabilizando os profissionais da escola, criando ambientes onde ele busca o centro das atenções, repudiando as regras de convivência e exaltando o que é socialmente reprovável: a cultura da violência, encontrando euforia em momentos de *bullying*, graças à realidade que vivencia dentro e fora de casa.

Esta postura, apesar de consciente, não é necessariamente responsabilidade única do aluno, mas da família permissiva e da rigidez escolar: O professor normalmente transfere toda a responsabilidade ao aluno, obrigando-o a manter-se rigidamente dentro das normas de conduta, sendo estas crianças e jovens filhos da Era Digital, do dinamismo, da multitarefa e do relativismo de valores.

Talvez o grande equívoco destes pais em relação aos seus filhos seja exatamente romper a base tripla Família-Criança-Escola (PIAZZI, 2008a, 2008b, 2009), deixando de enfatizar o quanto a educação vivenciada na escola é importante para sua formação como indivíduo, pois, recebesse sua primeira identidade social em casa, já a questionaria no ambiente escolar, garantindo a construção da habilidade de convivência com o que lhe é diferente, com outras crianças e adultos. O motivo se dá, pois, a própria escola deixou de ter importância com muitos pais na geração passada, e os mesmos já não viam interesse sólido nela enquanto alunos.

Para resolver a divergência entre a realidade do aluno e a da escola, o professor se vê encurralado metodologicamente, uma vez que, para contribuir com o desenvolvimento dos alunos, ele deve tomar a frente de alguns processos inexistentes no ambiente doméstico do aluno, e para os quais não fora capacitado em sua formação. Entre os quais está a função de orientador desde situações cotidianas, como a higiene pessoal e organização em geral, até em casos especiais, como por exemplo, a educação sexual; orientar a criança nos casos que ela não sente segurança em compartilhar com os pais; conscientizador de conceitos como disciplina e hierarquia, as quais não devem ser autoritárias, mas colaborativas e condutoras do comportamento.

Mas para que o professor, como agente e representante da escola, possa ser eficiente nestes casos, ele deve estar devidamente preparado e aparatado, tanto pedagógica quanto psicologicamente a assumir estas funções. Para isso, deve se investir em sua formação constantemente. Porém, observa-se que nem todos estão comprometidos com esta continuidade específica de sua formação ou com a realidade dos alunos.

Muitos professores, às vezes os mesmos que inspiraram alunos a serem professores, não compartilham desta vontade, pois já estão desgastados e desgostosos com a realidade profissional vigente, gerando um ciclo de conformismo do insucesso dos alunos e da infertilidade de sua função. E dessa forma contagiam novos profissionais que não saberão lidar de maneira diferenciada com os alunos.

Outro obstáculo: o profissional não considera, em sua prática, o Conflito de Gerações. O professor deve compreender que o que promoveu o sucesso escolar dele próprio, não garante o sucesso escolar dos seus alunos e deve enfatizar isto durante o seu planejamento. E que para buscar o interesse, estimular de fato os alunos, ele deve não só falar através da linguagem deles, mas entender o que lhes são importâncias e o que não são, o que os alunos podem e o que não podem compreender do discurso do professor.

Ser professor requer bons exemplos. Não é apenas o professor que avalia o aluno, mas o aluno também avalia o professor e cabe a este realizar tudo o que propõe aos alunos em termos de respeito, comportamento, convivência, humildade, trabalho em equipe e tudo mais que se espera do aluno. As melhores lideranças não são realizadas através de tirania e rigidez, mas através de exemplos e afeto. E, dessa forma, os alunos terão nos professores as referências adequadas que muitas vezes não existem em casa. Exemplos que devem ser dados dentro e fora da escola pelo profissional, pois ao aluno não compete o correto discernimento entre a figura do professor e o cidadão que exerce a função. Atuar na área da educação é fundir boa parte da vida privada com a vida pública do indivíduo e que os melhores professores são aqueles que também aprendem com os alunos. Lecionar é assumir esta responsabilidade também.

Considerações finais: O “olho do furacão”

Num breve momento em que podemos vislumbrar de dentro do olho do furacão toda a sua dinâmica externa e por vezes caótica, algumas considerações finais podem ser realizadas.

Torna-se claro que o equilíbrio entre Escola (Professor), Aluno e Família foi abalado por mudanças em ritmo acelerado advindas do neoliberalismo político e econômico, também como consequência dos avanços tecnológicos que provocam mudanças cada vez mais rápidas e profundas, tornando a todos, instituições e indivíduos, vítimas do relativismo de valores e dos meios tecnológicos.

A educação brasileira pós-regime militar segue parâmetros que foram instaurados enquanto já se davam como ultrapassados. Tais parâmetros deveriam ser reformulados, recuperados de sua incoerência com a realidade, tanto das escolas como dos alunos, de forma que possam ser incentivadores de um ambiente inovador e estimulante, permitindo uma evolução mais liberal para estas instituições.

Sendo assim, os conteúdos desenvolvidos em sala de aula devem ser revistos, propondo novas formas de abordagens e, se não excluindo, deixando em último plano conhecimentos muito específicos que inviabilizam a função de mediação do docente em despertar a curiosidade do aluno. Desta forma, é possível dar prioridade ao desenvolvimento de habilidades ao invés do excessivo cumprimento dos conteúdos. Logo, seria possível alcançar a democracia educacional onde todos os alunos estariam efetivamente desenvolvendo-se como indivíduos, preparando-se para uma vida autônoma, crítica e de efetiva cidadania, considerados em suas dificuldades e superando-as.

A escola segue, então, parâmetros educacionais que não condizem com a realidade e o que se verifica é que esta adquire funções para as quais não está devidamente preparada para lidar, como o trabalho de questões que deveriam ser realizadas minimamente no ambiente familiar, antes da criança passar a conviver no ambiente escolar: o respeito e a confiança na hierarquia, organização e higiene pessoal, etc. Sendo que, de forma geral, a carga de responsabilidade pelo insucesso é

transmitida ao professor (que está na base da hierarquia), uma vez que não se esperam mudanças oriundas do topo da pirâmide (as políticas públicas educacionais).

O professor, agente e representante da escola, recebendo em seu trabalho a carga do desinteresse do aluno, sente o choque do que seria o grande desafio docente da atualidade. O professor deve descobrir novos meios, e utilizar os já existentes, de incentivar e estimular o aluno a receber o ambiente escolar com prazer e curiosidade através de práticas mediadoras, que construam segurança intelectual sobre si mesmo e desafiando-o quando necessário, uma vez que este não recebe tais estímulos no ambiente familiar, o que é fundamental ao processo educacional.

Logo, mudanças pertinentes devem ser realizadas na formação destes profissionais, se não oferecidas pelas instituições de ensino, angariadas por eles próprios, como por exemplo: adquirir maior base teórica e prática em psicologia para o trato com questões da infância e adolescência coerentes com a geração atual, uma vez que muitos alunos sentem maior segurança em compartilhar seus segredos e angústias com aqueles que convivem com ele no cotidiano, com quem se sentem mais à vontade, ou seja, o professor tomado como referência; garantir uma formação contínua, através de métodos, técnicas e práticas que o próprio professor irá utilizar com os alunos, como a mediação, por exemplo. Em outras palavras, familiarizar-se com metodologias de ensino inovadoras; investir em métodos que o levem à autorreflexão de suas atitudes e posturas, através da análise constante de sua autobiografia docente, principalmente; conscientizar-se da importância em compreender a geração que está frequentando o ambiente escolar para que a comunicação professor-aluno seja realizada de maneira eficiente.

E por fim, apesar das evoluções e adaptações de seus paradigmas e da ausência de uma estrutura-modelo na qual poderão se apoiar novas estratégias pedagógicas (ou ainda mesmo na ausência permanente deste novo paradigma estrutural familiar, onde os papéis sociais são bem definidos), caberia à família encontrar meios de estar presente na transmissão de valores e tradições, formas de expressão que contribuam com uma primeira identidade social propensa ao hábito educacional, bem como adquirir segurança no trabalho pedagógico das escolas, e a conscientização de que a educação escolar e familiar são complementares para o sucesso e felicidade da criança e do jovem.

Referências Bibliográficas

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando** – Introdução à Filosofia. 2º ed. São Paulo: Editora Moderna, 1998.

BAUDRILLARD, Jean. **À sombra das maiorias silenciosas: fim do social e o surgimento das massas**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Lisboa: Editorial Vega, 1978.

FEUERSTEIN, R.; FALIK, L.H.; FEUERSTEIN, R. S.; RAND, Y. **The Dynamic Assessment of Cognitive Modifiability: the learning propensity assessment device: theory, instruments and techniques**. Jerusalém: The ICELP Press, 2002.

GOULART, Àurea Maria Paes Leme. **A Avaliação Dinâmica do Potencial de Aprendizagem Segundo a Teoria da Modificabilidade Cognitiva Estrutural**. I Encontro Paranaense de Psicopedagogia – ABPppr, Maringá, p. 82-94, nov. 2003.

LAHIRE, Bernanrd. **Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. Trad. Ramon Américo Vasques / Sonia Goldfeder. São Paulo: Ática, 1997.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à educação do futuro**. Cortez, 2000

PIAZZI, Pierluigi. **Aprendendo inteligência**: manual de instruções do cérebro para alunos em geral. Coleção Neuropedagogia, Vol. 1, 2º ed. rev. São Paulo: Aleph, 2008.

_____. **Estimulando inteligência**. Coleção Neuropedagogia, Vol. 2, 1º ed. São Paulo: Aleph, 2008.

_____. **Ensinando inteligência**. Coleção Neuropedagogia, Vol. 3, 1º ed. São Paulo: Aleph, 2009.

SOUZA, A.M.M.; DEPRESBITERIS, L.; MACHADO, O.T.M. **A mediação como princípio educacional**. Bases teóricas das abordagens de Reuven Feuerstein. São Paulo: Editora Senac, 2004.

VEEN, W.; VRAKKING, B. **Homo Zappiens**: educando na era digital. Trad. Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Recebido para publicação em 10-08-15; aceito em 13-09-15